



Era estranho retornar à Mansão Holmes poucas semanas após tê-la deixado pela última vez, pensou Sherlock, ao se aproximar da casa dos pais. O feriado de Páscoa costumava cair muito próximo à folga do meio-período de Primavera, mas era um costume antigo celebrá-lo mesmo assim, apesar de alguns protestos tímidos dos professores mais progressistas. Mas, se havia algo que a escola Harrow poderia se orgulhar, era de sua tradição — *afinal, o estabelecimento fora fundado em 1572* —, e Sherlock achava que seria mais fácil a monarquia cair do que as regras escolares serem modificadas.

Alguns alunos preferiam permanecer na escola durante um dos dois feriados, mas o ambiente da Druries^[1] andava muito tenso por causa do campeonato de rugby e Sherlock achou que ficar cinco dias ouvindo sobre táticas e jogadas era um pouco demais para os seus nervos. A bem da verdade, estava precisando de um descanso. Afinal, no último feriado, substituíra os passeios pela cidade e a leitura com xícaras de chocolate pela investigação de um sequestro de duas garotas, uma aventura que quase lhe custou a vida^[2].

Tivera que enviar uma longa carta para o seu irmão Mycroft após toda aquela confusão, afinal, a Sra. Macklin, a cozinheira, participara de boa parte da trama e seria pedir demais que ela mantivesse

segredo sobre algo tão sério. No entanto, achara por bem omitir algumas partes mais desagradáveis. O confronto final contra o responsável, que tentou esganá-lo quando viu seus planos ruírem, fora substituído por uma invasão de um grupo de busca. Sherlock racionalizara que não faltara com a verdade de todo, pois os fatos realmente haviam ocorrido naquela ordem e o grupo de busca formado pela Sra. Macklin realmente invadira o covil. Ele só omitira as circunstâncias, evitando citar, por exemplo, que quase fora morto pelo vilão.

Por alguns dias, imaginara qual seria a reação do irmão ao ler a correspondência. Suspeitava que ficaria entre a descrença e a estupefação, talvez esperando que boa parte do que fora escrito tivesse ficado a cargo de uma imaginação exagerada, mas, aparentemente, Mycroft encarara a questão com a resignação de quem ouve sobre fatos passados e que não podem ser alterados. Sua resposta foi sucinta o suficiente para ser escrita em um telegrama.

SEU FERIADO FOI MAIS ANIMADO DO QUE O MEU

No íntimo, na verdade, não esperava algo muito diferente.

O cocheiro deixou Sherlock na frente da mansão de dois andares com trepadeiras subindo pelos muros. O rapaz pagou ao homem, o cumprimentou com um gesto rápido e saltou com a sua maleta para a calçada. Após atravessar os portões de ferro, bateu na porta e esperou por alguns momentos.

A Sra. Macklin abriu a porta e o encarou por detrás dos seus óculos grossos, passando os olhos de cima a baixo. Por um momento, ela lhe lembrou o Custor, um funcionário da Harrow que era contratado para ser o guarda-chaves da escola e responsável pelas normas de vestimenta e etiqueta. Ele observava os garotos com o olhar crítico e qualquer desvio, por menor que fosse, era

punido com castigos que variavam entre a necessidade de se apresentar à secretária todas as manhãs até os temíveis *doubles*, trabalhos extras que eram corrigidos pelos professores mais exigentes da escola.

— Boa tarde, menino Holmes — disse ela, afinal, quebrando o silêncio. — O senhor parece cansado, é sim.

— O último feriado não foi exatamente divertido, Sra. Macklin — respondeu ele, erguendo uma sobrancelha para a cozinheira.

Ela o encarou por um momento.

— Quanto a isso, não posso dizer nada — ela resmungou, abrindo caminho. — Mas achei que havia um brilho em seus olhos durante aqueles dias — ainda comentou, fechando a porta.

Sherlock lançou um olhar enviesado para a Sra. Macklin. A cozinheira tinha modos um tanto liberais e, por mais de uma vez, já se pegara pensando nos motivos que levaram o seu pai, Sir William Scott Holmes, que estava a caminho da África do Sul, a contratá-la.

Mas as palavras da Sra. Macklin tinham o terrível costume de serem desconcertantes. E, normalmente, ela acertava em cheio. Olhando em retrospectiva, precisava admitir que nunca se divertira tanto quanto naqueles dias, mesmo quase tendo sido destroçado por um cachorro, esfaqueado por uma garota e lutado contra um assassino.

A lembrança de Cashmere fez brotar um sorriso em seus lábios. A Sra. Macklin soltou um pequeno suspiro impaciente e seguiu em frente, parando na frente do escritório. Foi somente neste momento que Sherlock percebeu que a porta estava aberta.

Isso só podia significar uma coisa.

— Mycroft! — disse, ultrapassando o batente e largando a maleta no chão. — O que faz aqui?

Mycroft Holmes soltou um espirro que tinha o mesmo som e a potência de um pequeno elefante. Ele assoou o nariz e encarou o irmão mais novo, erguendo uma sobrancelha. Sua expressão era de desapontamento.

Sherlock abriu um sorriso amarelo, retirando a pergunta. Era quarta-feira e era óbvio que o irmão estaria trabalhando. Para Mycroft estar em casa no meio da tarde, só havia duas possibilidades: ou ele fora demitido, hipótese pouco provável para quem conhecia o irmão, ou estava impossibilitado de trabalhar. Um olhar de relance confirmava que a segunda ideia era a correta.

Mycroft era um sujeito grande, que parecia cada vez maior. Se não tomasse cuidado, logo se tornaria obeso. Mas, no momento, suas bochechas estavam flácidas e seus olhos, vermelhos. O nariz parecia do tamanho de um pequeno tomate, e a coloração não fugia ao tema. Uma coleção de lenços usados ao seu lado confirmava que um resfriado de bom tamanho atacara o seu irmão.

— Desejo-lhe melhoras, Mycroft — disse Sherlock, ao que o irmão assentiu, fazendo um gesto para que ele entrasse.

— Não quero atrapalhar — continuou, recebendo um sorriso triste de Mycroft.

— Estou apenas colocando em ordem a correspondência, Sherlock — disse ele, apontando para uma série de cartas que formavam um grande volume.

Sherlock esticou os olhos, compreendendo. Cartões de Páscoa. Sua família recebia e enviava algumas dúzias daqueles cartões de felicitações e, com a viagem de seus pais no Vitoria para a Cidade do Cabo, era responsabilidade de Mycroft ler e responder cada um dos cartões.

— Mamãe tinha jeito para estas coisas — ele resmungou, olhando para as cartas. — Não consigo imaginar nada além de *Feliz*

Páscoa para preencher estes cartões.

Sherlock passou os olhos pelos cartões comprados por Mycroft, abrindo um sorriso que não chegou aos seus lábios. Já estivera nos correios com a mãe e sabia que, nesta época, havia um grande número de cartões coloridos à venda. Cartões com ovelhas e meninas em cenários bucólicos, cartões com flores e coelhos, cartões com pintos, ovos e galinhas, cartões com ovos coloridos e cartões com meninos e meninas com cabeça de ovo, o que sempre lhe causou estranheza. Violet Holmes sempre comprava dezenas de cartões diferentes e, depois, escolhia cuidadosamente para quem enviar cada cartão, de acordo com os dizeres e com as imagens representadas.

Mycroft, por sua vez, comprara três dúzias de cartões iguais, com um ovo desenhado no meio de um ramalhete de flores e os dizeres de “Feliz Páscoa” escritos em uma caligrafia elegante.

— Acho que uma mensagem simples é o suficiente — disse Sherlock, afinal, tentando ajudar o irmão.

Mycroft o encarou por um momento, tossiu e deixou cair os ombros.

— Não, não é, e você sabe disso. Mas não há nada que eu possa fazer no momento.

Foi a vez de Sherlock dar de ombros.

— Vou guardar a minha mala e volto para ajudá-lo — se ofereceu, mas Mycroft o deteve com um gesto.

— Não desfaça a mala — disse ele.

Sherlock reagiu de imediato.

— Está me mandando embora? — perguntou, visivelmente chateado.

A pergunta tinha a sua razão de ser. Durante o feriado da primavera, Mycroft o abandonara na casa de uma antiga amiga da

mãe por causa de um problema qualquer no banco. Mesmo que, no final, a viagem se mostrara muito mais interessante do que a princípio, sentiu-se traído com a possibilidade de ser deixado de lado de novo.

— É claro que não — respondeu Mycroft, parecendo chocado. — Mas estive evitando o inevitável por tempo demais — continuou, olhando para a pilha de cartões.

Sherlock captou o olhar do irmão e notou que havia uma carta no final da pilha, um envelope de papel grosso e imaculadamente branco. Não parecia conter um cartão de felicitações.

— Eu iria deixar a carta por último, como se fosse possível ignorar o que me parece desagradável, mas esta é uma atitude um tanto infantil, admito — ele continuou, pegando a carta e a examinando com cuidado. — Como suspeitava, o selo é de Grantchester. Acho que vou lhe poupar um trabalho inútil.

Sherlock franziu o cenho, sem compreender o que Mycroft queria dizer. O irmão apenas abriu um esgar triste enquanto rompia o envelope com uma pequena espátula e retirou de lá um papel de linho, com um brasão em alto relevo.

— Como eu temia — disse ele, agastado, passando a carta para Sherlock.

O rapaz leu a curta mensagem.

Prezado Mycroft Holmes

Lorde Leverstoke tem o prazer de convidar os dois varões da família Holmes para os feriados que comemoram a ressurreição do Senhor Jesus. Vossas senhorias são esperadas para o dia que antecede a Sexta-Feira Santa n'Os Salgueiros.

— Os Salgueiros? — repetiu Sherlock.

— É a casa de campo de Lorde Leverstoke — explicou Mycroft, com um leve estremecimento. — Está na família há umas dez gerações, se não me engano. É uma casa espaçosa, mas terrivelmente fria. Por sorte, estamos na primavera.

— Nós vamos ir?

Mycroft pareceu chocado.

— Um convite de Leopoldo Leverstoke é quase uma convocação, Sherlock — disse, olhando para o irmão com uma sobrancelha erguida. — É a nossa obrigação, na ausência dos nossos pais.

— Mas você está doente! — Sherlock protestou.

— Isso é irrelevante, e acho que você sabe disso — ele continuou, em tom de reprimenda. — Se bem lembra, papai precisou viajar para Liverpool para uma reunião com a Câmara de Comércio, mesmo com o pé quebrado.

Sherlock lembrava. O fato ocorrera há dois anos e ele ficara chateado com a decisão do pai na época. Assim como agora.

Mycroft captou o olhar do irmão.

— Quando você entrar de forma oficial no mundo dos adultos, entenderá que a amizade, em nossa área de atuação, é essencial.

— Não pretendo ser banqueiro — resmungou Sherlock de bate-pronto e, então, percebeu que poderia ter soado ofensivo. — Me desculpe. Não quis dizer...

— Não precisa se desculpar — cortou Mycroft. — Também não imagino que vá fazer carreira cuidando do dinheiro dos outros. Acho que suas habilidades o levarão para outros caminhos.

Sherlock encarou o irmão, mas ele manteve o olhar neutro. Ainda estava longe de se formar e nunca pensara, seriamente, que carreira escolher após finalizar os estudos. O que será que Mycroft tinha em mente?

Mas o irmão estava com pensamentos práticos em sua cabeça.

— Pegue uma mala maior — disse. — Vai precisar de trajes formais para o final de semana e tenho certeza que não trouxe o seu fraque dentro desta coisa — continuou, apontando para a maleta de Sherlock.

— Partiremos amanhã no primeiro trem — ele concluiu, fazendo um gesto para o irmão. — Chame a Sra. Macklin, por favor. Vou precisar que ela arrume algumas coisas.

Sherlock assentiu, olhando rapidamente para os lados. Gostaria de usar o feriado para descansar em casa, mas, pelo menos, viajaria com o irmão e a perspectiva de passar alguns dias na casa de campo de um lorde durante a primavera não era de todo má.

Afinal, o que poderia acontecer de errado entre a nobreza da Inglaterra?



[1] Todos os alunos da Harrow são divididos em casas. Cada casa possui suas próprias instalações, costumes e tradições. Na época, havia nove casas: Bradbys, Druries, Emfield, The Grove, Head Masters, Moretons, The Park, Rendalls e West Acre. Três casas adicionais foram construídas após a passagem de Sherlock.

[2] Leia Feriado de Meio-Período de Primavera - A Aventura das Fadas de Cottingley